

PRODUÇÃO COMUNICATIVA DAS MULHERES: UM LEGADO AINDA POUCO CONHECIDO¹

La producción comunicativa de las mujeres: un legado aún poco conocido

Communicative production of women: a legacy still little known

Maria Cristina Gobbi²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5629-5010>

RESUMO

Há uma consonância entre as/os estudiosas/os a respeito da escassez de fontes bibliográficas e de referências teórico-conceituais produzidas por mulheres, ou mesmo que examinem a sua produção e/ou que tenham elas como foco (sujeitas) de estudos, na área da comunicação. Assim, através de pesquisa bibliográfica e documental, utilizando conceitos da transmetodologia de Alberto Efendy Maldonado (2013) e da análise histórica (historiografia social), categorizada por "espaço de experiência" e "horizontes de expectativas", de Reinhart Koselleck (2006), este artigo apresenta parte das sistematizações realizadas em uma pesquisa mais ampla, com apoio da Fapesp e do CNPq. Os resultados contribuem para o conhecimento dessa produção, objetivando (re)desenhar e (re)configurar o mapa cognitivo dos estudos comunicativos.

PALAVRAS-CHAVE:

mulheres; comunicação; Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA); história; América Latina.

RESUMEN:

Existe coincidencia entre los estudiosos en cuanto a la escasez de fuentes bibliográficas y referentes teórico-conceptuales producidos por mujeres o incluso quienes examinan su producción y/o las tienen como foco (sujetos) de estudios en el área de la Comunicación. Así, a través de una investigación bibliográfica y documental, utilizando conceptos de transmetodología de Alberto Efendy Maldonado (2013) y análisis histórico (historiografía social), categorizados por "espacio de experiencia" y "horizontes de expectativas", de Reinhart Koselleck (2006), este artículo presenta parte de las sistematizaciones realizadas en una investigación más amplia, con el apoyo de la FAPESP y del CNPq. Los resultados contribuyen al conocimiento de esa producción, con el objetivo de (re)diseñar y (re)configurar el mapa cognitivo de los estudios comunicativos.

¹ O texto integra uma pesquisa mais ampla desenvolvida com o apoio da Fapesp (Processo: n. 2019/26715e 2022/08397-6) e do CNPq-Bolsa de produtividade, publicada no livro **Do silenciamento à palavra**: mulheres nos Estudos em Comunicação na América Latina, pela Editora Ria, em 2022.

² Bolsista de produtividade do CNPq, pesquisadora Livre docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática na América Latina e professora da Unesp. Presidenta da ABPCom e diretora administrativa da ALAIC. Ganhadora do Prêmio Luiz Beltrão – Categoria: Maturidade Acadêmica da Intercom, em 2014. Pesquisa desenvolvida com o apoio da Fapesp (Processo: n. 2022/08397-6) e do CNPq. E-mail: cristina.gobbi@unesp.br.

Palabras clave: Mujeres; comunicación; Pensamiento Comunicacional Latinoamericano (PCLA); historia; América Latina.

ABSTRACT:

There is a consensus among scholars regarding the scarcity of bibliographic sources and theoretical-conceptual references produced by women or even those who examine their production and/or who have them as the focus (subjects) of studies in the area of Communication. Thus, through bibliographical and documentary research, using concepts of transmethodology by Alberto Efendy Maldonado (2013) and historical analysis (social historiography), categorized by "space of experience" and "horizons of expectations", by Reinhart Koselleck (2006), this article presents part of the systematizations carried out in a broader research, with the support of FAPESP and CNPq. The results contribute to the knowledge of this production, aiming to (re)design and (re)configure the cognitive map of communicative studies

Keywords: women; communication; PCLA; history; Latin America.

Introdução

Baseadas nas práticas e nas experiências individuais protagonizadas em sua grande maioria por pesquisadores do Norte Global, a produção comunicacional da e na América Latina, como afirma Jesús Martín-Barbero (1997), é um redescobrimento de complexas polêmicas, de problemáticas postergadas, de genealogias que interconectam campos e linhas de pensamentos singulares. Antagônicas, em diversos aspectos, integram tradições acadêmicas dentro das perspectivas teóricas exclusivistas. Para os cenários múltiplos dos estudos comunicativos é necessário levar em consideração características estruturais, sociais, político-culturais, de gênero e suas interseccionalidades, tão diferentes em uma região matizada como a nossa.

Considerando o cenário da América Latina e as pesquisas comunicacionais, as mulheres têm buscado o (re)conhecimento como produtoras de conhecimentos. Inicialmente, através da sua produção impressa e, nas últimas décadas, com a chegada de outras mídias, também no cinema, televisão, rádio e, mais recentemente, no ambiente online, o legado produzido pelas mulheres é pouco conhecido e/ou referenciado nos estudos da área. A presença feminina no cinema, por exemplo, tem reforçado as concepções de gênero nas perspectivas social, cultural, política, histórica, econômica, entre outras.

A pesquisa realizada, da mesma forma, buscou suplantando a crítica essencialista da dualidade (mulher/homem) e se pautou no gênero enquanto categoria para análise histórica, rejeitando o caráter fixo e permanente da oposição binária, presentes na construção hierárquica da relação entre masculino e feminino. Sendo gênero, nessa assertiva, algo performativo (Gobbi, 2022).

Assim, nas revisões teóricas e nos diálogos com autoras e autores, foi possível perceber que somente o conhecimento da presença ou não das mulheres nos estudos em comunicação não seria suficiente para a proposição mais ousada, contida no projeto inicial, no sentido de uma mudança no quadro de referência das teorias comunicativas utilizadas na contemporaneidade. Destarte, era necessário recuperar a

contribuição comunicativa dessas mulheres invisibilizadas, formando um repertório capaz de estimular outros olhares e significados para o conhecimento produzido.

Ao resgate do sentido que bell hooks (2019) deu para a teoria feminista e aplicando-a à comunicação, somou-se o desejo de explorar as possibilidades que as sistematizações permitiram, trazendo o “conhecimento e a experiência vivida por aquelas mulheres e homens que vivem à margem”, buscando a “inteireza” e a “amplitude analítica capaz de abarcar uma variedade de experiências humanas” (hooks, 2019, p. 24). Sem dúvida expandimos nossa visão sobre as questões de gênero e daquilo que tínhamos definido, inicialmente, como produção comunicativa das mulheres, na região. Um grande ganho intelectual, acadêmico, profissional e pessoal.

Ainda nessa linha, é importante assinalar que há uma discussão protagonizada por pesquisadoras, como Joan Scott (1995), que afirmam que gênero é uma construção bem recente, quando se referem à “organização social da relação entre sexos”, estando inserido inicialmente entre as feministas americanas “que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (Scott, 1995, p. 72). Também, objetivavam trazer para a discussão “o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade” (p. 72). Para a autora, “as pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente” (Scott, 1995, p. 73).

Além de pouco estudada e significativamente fragmentada, as produções das mulheres na área da comunicação estão diluídas em temas e/ou períodos específicos. Um exemplo muito oportuno desse conhecimento, no Brasil, é o projeto da Editora Mulheres³, realizado por Zahidé Lupinacci Muzart, que evidencia como essa problemática não é recente. Como ela afirma:

me dei conta do quanto ainda elas foram e são ignoradas e subestimadas, pois o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas [...] de modo que, para falar dessa recuperação da memória das mulheres na imprensa do século XIX, seria obrigada a fazer um grande recorte e a me restringir a uma região ou a uma cidade, ou a um periódico e mais ainda a um tempo determinado. (Muzart, 2003, p. 225)

Somente no século XX e a partir dos anos de 1940, algumas mudanças começaram a ser notadas. Por exemplo, a formação de diversos coletivos feministas, as denúncias de violência, as ampliações das pautas, incluindo alguns temas tabus, como sexualidade, formas de opressão e violência, condição feminina, mulher como “sujeita”, a luta pelos direitos e pela participação política, as discussões sobre raça e classe social, além de outras pendências. Entre as protagonistas dessas produções

³ Editora fundada, em 1995, pelas professoras Zahidé Lupinacci Muzart, Elvira Sponholz e Susana Bornéo Funck.

estão Rose Marie Muraro que, em parceria com outras mulheres, fundou o Centro da Mulher Brasileira (1975) e Nélida Piñon, primeira mulher a tomar posse na Academia Brasileira de Letras, em 1989, como afiança Muzart (2003).

Fazendo uma viagem (e, por sinal, muito agradável, além de densa em conhecimentos) pela pesquisa da professora Zahidé Lupinacci Muzart (2003) é possível encontrar produções como a de Josefina Álvares de Azevedo, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Bertha Lutz, Maria Lacerda de Moura, Corina Coaracy, Carmem Dolores, Gilka Machado, entre outras. Sem descaracterizar os períodos históricos dos movimentos feministas (chamados de ondas), e as regiões onde aconteceram (Europa, Estados Unidos, América Latina), elas trazem perspectivas e demandas diferentes em cada época e localidade. Assim, seguindo o conjunto de produções comunicativas pioneiras, fortemente ligado aos movimentos feministas, é possível evidenciar que as contribuições das mulheres na área da comunicação foram (e são) significativas e estiveram (e estão) presentes nas diferentes ondas do movimento, embora sejam ainda pouco conhecidas, estudadas e referenciadas.

Se, por um lado, os estudos comunicativos na América Latina podem ser caracterizados pela ampliação dos espaços de formação, o que favoreceu o ingresso das mulheres na educação superior, especialmente a partir do século XIX⁴; por outro, não têm focalizado sua atenção na produção realizada por elas no século XXI. Na literatura acadêmica da área, de fato, parece evidenciar-se uma condição de exclusão e de invisibilização de referenciais dos estudos realizados por mulheres.

Dado esse breve histórico, que em seu conjunto avigora que o caminho fundamental para o desenvolvimento humano e social reside na ciência, na educação e nas instituições democraticamente consolidadas. Além disso, também estão presentes nos movimentos de luta pela conquista do território epistêmico, que é igualmente o lugar da mulher.

Sororidade e dororidade comunicativas latino-americanas

Na revisão teórico-conceitual sobre a sororidade feminina comunicativa latino-americana encontramos Vilma Piedade (2019) e seu conceito de dororidade (Gobbi, 2022). Ao apresentar a etimologia – sororidade vem de sóror-irmãs e dororidade vem de dolor –, é possível notar “as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta” (Piedade, 2019, p. 16). Dessa forma, a autora trouxe para a reflexão o “descompasso entre a experiência vivida como tal e o relato possível que sobre ela se constrói”, como também assinala Cecília Siqueira Cordeiro (2015, p. 12), ao tratar sobre a historicidade.

O feliz encontro desses conceitos reforçou as ponderações de Michelle Rosaldo e Louise Lamphere (1979, p. 362) quando nos convidam a “procurar não uma causalidade geral e universal, mas uma explicação significativa “do porquê, apreendendo o lugar da mulher nos estudos comunicativos latino-americanos como

⁴ Embora o exercício profissional ainda ocorra, em muitos casos, em uma posição de menor prestígio se comparada com os colegas do sexo masculino.

“o sentido que as suas atividades adquirem através da interação social concreta”, como bem afiança Lidiane da Conceição Alves (2019).

Consideramos que, embora o cotidiano acadêmico se desenvolva em um campo assimétrico de forças, existem práticas de resistências para demarcar o território epistêmico frente às normas colonialistas, racistas e machistas que estruturam a universidade (Alves, 2019, p. 82)

Assim, no caminho percorrido para encontrar e documentar a produção comunicativa das mulheres na região, seguramente, a sororidade estabelecida na relação de união e de irmandade feminina nas diversas etnias, classes sociais, religiões etc. não pode se constituir como variável independente. Esses elementos não estão claramente marcados ou visibilizados e dependem de outros “achados” como, por exemplo, os contextos estruturais e político-sociais onde são vivenciados. Ampliamos as sistematizações e, em muitos aspectos, como demonstrado na revisão de alguns períodos descritos nas etapas seguintes dessa reflexão, os mesmos estão ausentes ou não são claramente mencionados. Portanto, parte significativa das trajetórias de “Mulheres Pretas, Brancas, de Axé, Indígenas, Ciganas, Quilombolas, Lésbicas, Trans, Caiçaras, Ribeirinhas, Faveladas ou não” (Piedade, 2019, p. 19), estão distantes, excluídas ou invisibilizadas nos estudos comunicativos latino-americanos. (Gobbi, 2022).

É importante ponderar, também, toda a diversidade cultural presente nos múltiplos cenários da América Latina, que exige um mergulho mais aprofundado e ampliado na produção comunicativa das mulheres. Destarte,

em lugar de procurar as origens únicas, temos que conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados. [...] Temos que nos perguntar mais frequentemente como as coisas acontecem para descobrir porque elas acontecem. (Scott, 1995, p. 20).

Dessa forma, como reforça Vilma Piedade (2019), os conceitos de sororidade e dororidade estão relacionados e são interdependentes, conclamando “por uma Democracia Feminista com o toque do tambor... com o girar das nossas saias. Por uma Democracia que inclua todas as Mulheres!” (Piedade, 2019, p. 38).

É necessário, igualmente, como bem assinalou Françoise Vergès (2020), recuperar a narrativa militante, politizar o cuidado, revelando a extensão e a invisibilidade desses cenários de lutas. E completa:

Queremos pôr em prática um pensamento utópico entendido como energia e força de insurreição, como presença e como convite para sonhos emancipatórios, como gesto de ruptura: ousar pensar para além do que se apresenta como “natural”, “pragmático”, “razoável”. Não queremos construir uma comunidade utópica, mas restaurar a força criativa em sonhos de insubmissão e resistência, justiça e

liberdade, felicidade e bondade, amizade e encantamento.⁵ (Vergès, 2020, p. 136)

Assim sendo, poderíamos iniciar os estudos sobre as sororidades e as dororidades comunicativas femininas latino-americanas a partir da história dos meios de comunicação de massa e/ou do seu desenvolvimento. Ou ainda tratar dos fluxos e dos contrafluxos informativos norte-sul, das instituições e das/os pesquisadoras/es pioneiras/os que orientaram (orientam) esse pensamento ou, até mesmo, dos movimentos políticos, econômicos, culturais, sociais contemporâneos, ou ainda, a partir das evoluções tecnológicas da informação e da comunicação, entre tantos outros pontos. (Gobbi, 2022).

A escolha desta pesquisa recaiu sobre a contribuição das mulheres para os estudos comunicativos pioneiros no contexto da América Latina, tendo como recorte o espaço-temporal das produções sobre comunicação produzidas no Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), no período de 1959 até 1999. O Centro, criado em 1959, na cidade de Quito, no Equador, passou a se constituir em um dos principais organismos latino-americanos dedicados à formação de especialistas, à pesquisa e à produção de documentação em comunicação social (Gobbi, 2002). Um marco fundamental foi a realização da primeira Conferência de Especialistas em Comunicação, realizada em 1973, e já tratada em diversos estudos.

Do mesmo modo, é fundamental considerar os contornos socioculturais múltiplos da região e o cenário comunicativo onde transitam e estão ancoradas as perspectivas femininas, possibilitando expressar mudanças capazes de colaborar no cumprimento da Agenda 2030,⁶ em especial com referência aos objetivos 4, 5, 10 e 16, que contemplam a educação inclusiva e de qualidade; igualdade de gênero e empoderamento feminino; redução das desigualdades e cultura de paz; justiça e instituições eficazes, respectivamente.

Com o escopo de “não deixar ninguém para trás”, os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e suas 169 metas miram temáticas diversificadas, transversais e que contemplam setores historicamente “esquecidos e/ou invisibilizados” pelas agendas nacionais e internacionais.

Há diversos grupos, em múltiplas regiões, envolvendo instituições de ensino e de pesquisa, a sociedade civil organizada, governos (federal, estadual, municipal), comunidades, grupos de pesquisadores etc buscando o desenvolvimento de parcerias que possibilitem atingir as metas propostas no documento da Organização das Nações Unidas (ONU), respeitando as demandas e as especificidades de cada local. Nessa

⁵ Trecho de “Manifeste de L’Atelier IV”, performance, curadoria de Françoise Vergès. Paris: La Colonie, 12 jun. 2017. In: VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

⁶ A Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU), é um compromisso global assumido, em 2015, por 193 países, incluindo o Brasil. Composta por 17 objetivos interconectados de desenvolvimento sustentável e 169 metas, formam um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso: jan. 2022.

perspectiva, pautados pelos desafios trazidos na Agenda 2030, revisitando os ODS e as metas, várias sugestões têm sido desenvolvidas, com a esperança de atingir de forma mais ampla o desafio de “não deixar ninguém para trás”. (Gobbi, 2022).

Entre esses materiais produzidos e atendendo à temática central dessa pesquisa, o Guia Agenda 2030⁷ observa a ausência de três objetivos importantes, com o que concordamos. Assim, traz como perspectiva de inclusão no documento oficial da ONU os objetivos: “Igualdade racial” (ODS 18); “Arte, cultura e comunicação (ODS 19); e “Direitos dos povos originários e comunidades tradicionais” (ODS 20). Desse modo, incorporamos aos desafios da investigação financiada pela Fapesp a inclusão dessas miradas, pois consideramos ser fundamental o enfrentamento a todos os tipos de exclusões, opressões, invisibilizações, discriminações, violências sistêmicas, sociais e estruturais, em todos os âmbitos da sociedade, presentes nas múltiplas práticas discriminatórias, de segregação e de desigualdades cotidianas. (Gobbi, 2022).

Da mesma forma, é necessário promover a igualdade racial em espaços de produção de conhecimento, como universidades, centros de pesquisa, associações acadêmicas, grupos de pesquisa etc. no tripé que sustenta esses ambientes de ensino, pesquisa e extensão. Mas, também conhecer, reconhecer, respeitar e incluir o conhecimento produzido pelas e nas comunidades marginalizadas, seus saberes e vivências que estão em espaços como nos núcleos populares, nas periferias, nos centros de acolhimento, nos movimentos populares, nos coletivos etc.

Faz-se necessário e urgente ultrapassar o muro que isola o conhecimento acadêmico produzido, incluindo a cultura popular, o conhecimento ancestral, as lutas travadas nos movimentos da sociedade, entre outros, no âmbito do desafio da inclusão e de “não deixar ninguém para trás”, como assinala a Agenda 2030.

Igualmente, é basilar democratizar a comunicação, assegurando a pluralidade e a multiplicidade de vozes, a liberdade de expressão e a inclusão de todas e todos. É necessário e urgente (re)ver a história contada da comunicação incluindo e valorizando os saberes dos povos originários, a ancestralidade, o conhecimento tradicional, mas também cultural dos povos. É preciso garantir os direitos aos processos comunicativos dos indígenas, das comunidades quilombolas, dos povos dos rios, das florestas e dos demais grupos socioculturais, reconhecendo e respeitando suas culturas, religiões, modos de viver e seus territórios. (Gobbi, 2022). Nesse conjunto de metas também reside esta pesquisa sobre a presença das mulheres nos estudos latino-americanos em comunicação.

Transformar para “não deixar ninguém para trás”

Em 2018, o site *As mina na História*⁸ trouxe um material que tem como título “Resgatando a memória e o protagonismo de mulheres que transformaram o mundo”. O texto parte da hipótese de que “se aqui no Brasil nós conhecemos pouco sobre a

⁷ Integrando ODS, Educação e Sociedade, editada em 2020, sob a coordenação dos professores Raquel Cabral e Thiago Gehre.

⁸ Disponível em: <https://asminanahistoria.wordpress.com/2018/02/20/20-mulheres-da-america-latina-que-voce-precisa-conhecer/comment-page-1/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

América Latina, imagina sobre as mulheres que foram protagonistas dessa história". Por mais trágico que possa parecer, trata-se de um fato. Recortando para as protagonistas da área da comunicação no espaço latino-americano, foco desta investigação, o desconhecimento é ainda muito mais amplo, embora seja necessário registrar que temos acompanhado uma ampliação dos estudos sobre mulheres, em várias frentes de pesquisa.

Recentemente,⁹ a *Revista Fapesp* divulgou uma investigação que tem como título "Mulheres e ciência" e trouxe, nessa perspectiva, os artigos "O Gênero da ciência", de Christina Queiroz, e "A desigualdade escondida no equilíbrio", de Fabrício Marques. Ambas as reportagens corroboram a exclusão das mulheres, que ocorre em vários níveis, cenários e em diversas frentes na produção da ciência, tanto nas pesquisas básicas, como em suas aplicações. As consequências danosas dessa supressão estão nos argumentos de que conhecimentos potencialmente ligados a temas importantes do universo da mulher permanecem ainda pouco estudados, como afirma Christina Queiroz (2020).

Trazendo como questão central "Qual o impacto da presença de mulheres nas ciências e da discussão sobre gênero nos resultados de pesquisas científicas?", a reportagem produzida por Christina Queiroz afiança que o "[...] diálogo com teorias feministas abre novas frentes de investigação em distintas áreas do conhecimento", mas que ainda "a maioria das pesquisas básicas com animais usa apenas machos" (Queiroz, 2020, p. 18-19). O material, rico em exemplos, apresenta alguns desenvolvimentos em investigações que tratam de temas sociais ligados ao universo feminino como, por exemplo, em "questões até então ajustadas como pertencendo à esfera privada da vida das mulheres, entre elas a maternidade e a violência doméstica". (Queiroz, 2020, p. 19).

A presença feminina no foco das pesquisas científicas tem propiciado avanços e conhecimentos inovadores. Dentre os muitos resultados apontados nos exemplos do texto, Christina Queiroz (2020, p. 24) nos desafia a realizar uma "leitura crítica dos clássicos e incluir" autoras e pesquisadoras mulheres nas bibliografias, algo que temos realizado em disciplinas que ministramos nos programas de pós-graduação, de graduação e nos materiais que produzimos. Também no desenvolvimento de pesquisas que oportunizem conhecer mais sobre a área da comunicação tendo as mulheres como "sujeitas" da pesquisa, como esta que apresentamos. (Gobbi, 2022).

Fabrício Marques (2020), na segunda parte da reportagem, no artigo "A desigualdade escondida no equilíbrio", referenda que houve, para as mulheres, a ampliação de "espaço na carreira científica no Brasil, mas o obstáculo no acesso a algumas áreas" ainda se constitui como desafio a ser superado. O artigo demonstra ter ocorrido um crescimento no número de mulheres tituladas de 1996 a 2017, mas a diferença, quando consideradas as áreas de conhecimento, são enormes. O autor fecha sua reflexão fazendo um alerta importante da socióloga Maria Cristina Hayashi, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que tem pesquisado gênero em "obituários de cientistas publicados em revistas acadêmicas". Para a pesquisadora:

⁹ **Revista Fapesp**, março de 2020, ano 21, n. 289.

Já foi possível observar que as mulheres estão sub-representadas e que as fotografias que ilustram esses textos são mais frequentes nos obituários masculinos, o que contribui para que os rostos femininos na ciência não sejam conhecidos ou eternizados para futuras gerações. (Hayashi *apud* Marques, 2020, p. 31).

Como é possível observar nos exemplos contidos na pesquisa publicada pela *Revista Fapesp*, a exclusão e, como consequência, a invisibilização feminina ocorre em diversas frentes. Para empreender mudanças, são necessários movimentos de luta que precisam ser desenvolvidos nos espaços de produção de conhecimento, em todas as áreas da ciência, bem como nos lugares de cultivo de conhecimento e da cultura popular. (Gobbi, 2020).

É possível afirmar ainda que a pesquisa e, como consequências, as escolhas teórico-metodológicas são sempre espaços de forças, determinados pela lógica das condições sociais de produção e, principalmente, pelas escolhas individuais da/o pesquisadora/or. Revela os pressupostos dos discursos, mas também faz referência ao fazer produzido e às práticas cotidianas de uma autonomia relativa, mas não dissociada das condições concretas de elaboração, desenvolvimento e de difusão “daquilo que se está empreendendo nos cenários econômicos, políticos, culturais e sociais onde se desenrolam, e que influenciam significativamente essas escolhas.” (Gobbi, 2010, p. 15). Porém, as competências para abordar esse ou aquele “sujeito/a da pesquisa” e a forma dada a ela/e são desenhadas na natureza da produção e do conhecimento acumulado e posteriormente difundido. Essas ações determinam o ponto de partida, a trajetória e definem o objetivo para a tomada de decisão de nossas escolhas individuais, como pesquisadoras e pesquisadores.

Outro exemplo interessante encontrado nas revisões teóricas, é o do ocultamento da presença feminina nos estudos da área, como pode ser observado na pesquisa que foi recentemente (2021) realizada no Brasil,¹⁰ e que teve como ponto inicial aspectos da colonialidade e da decolonialidade presentes nos artigos que trazem, como mote, a intersecção entre comunicação e gênero. As pesquisadoras empreenderam uma análise em 155 textos publicados em periódicos A1 e A2¹¹ da área de Comunicação e Informação, no período de 2000 a 2019. Foram analisadas as temáticas e as bibliografias utilizadas.

Camilla Quesada Tavares, Michele Goulart Massuchin e Leila Lima de Souza (2021, p. 38) relatam haver um crescimento na área de estudos sobre Comunicação e Gênero desde os anos de 1970, resultado da ampliação dos programas de pós-graduação e da publicação de artigos em revistas científicas. As análises recaíram sobre os textos publicados nas revistas: *Cadernos Pagu*; *Comunicação, mídia e consumo*;

¹⁰ “A quem recorremos quando falamos sobre gênero na Comunicação? Aspectos de colonialidade e decolonialidade a partir da bibliografia utilizada nas pesquisas da área”. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/36/pdf>

¹¹ As pesquisadoras relatam terem utilizado o Qualis (2013-2016), onde havia a divisão por grandes áreas.

Dados; E-Compós; Estudos feministas; Famecos; Galáxia; Intercom; Matrizes e Opinião pública.

Para as autoras, há uma forte influência de países europeus e norte-americanos na “literatura tradicional sobre gênero”, mas argumentam que as reflexões apresentam entraves para a compreensão mais ampla do fenômeno. “Isso porque muito da produção está baseado em uma realidade bastante diferente daquela enfrentada por mulheres pobres, negras, lésbicas, camponesas e residentes em países considerados periféricos, como os do Sul Global” (Tavares, *et al.*, 2021, p. 38) e as interseccionalidades entre gênero, raça, classe e sexualidade que trazem suas marcas distintivas.

A categoria gênero predominante nas análises é a mulher e suas derivações (feminino, feminismo, feminina, feminilidade etc.), não há predominância de aspectos interseccionais (representado somente por 11 artigos). O tipo de estudo encontrado aborda “às representações construídas pelo discurso midiático”, ocorrendo uma centralidade no Brasil. Nos 155 artigos foram encontradas 3.464 citações, gerando “[...] uma média de 22 referências” por texto e totalizadas 2.007 autorias únicas (sem repetição de autores, mesmo em produções diferentes). Em seguida, foi criada uma rede de citação, onde estão “todas as vezes que os(as) autores(as) foram citados(as), incluindo diferentes obras de mesma autoria” (Tavares, *et al.*, 2021, p. 42-43). Os dados gerais demonstram que, com uma citação, há 1.512 autores; com duas citações, há 266 autores, que perfizeram 532 citações; entre três e nove citações, há 198 autores, que completaram 862 citações; com dez ou mais citações, há 31 autores, que totalizaram 558 citações.

Assim, optamos por conhecer quem são as referências que são mais comumente utilizadas. No Quadro 1 estão aquelas/es autoras/es que tiveram dez ou mais citações. São elas/eles:

Quadro 1 – Distribuição das citações das(os) autoras(es) mais referenciadas(os): (com 10 ou mais citações)

Se q.	Autora / Autor	Qtde. de Citações	Origem
1	FOUCAULT, Michel	60	França
2	BOURDIEU, Pierre	46	França
3	BUTLER, Judith	31	Estados Unidos
4	HALL, Stuart	30	Inglaterra / Jamaica
5	MARTIN-BARBERO, Jesús	27	Espanha/Colômbia
6	ESCOSTEGUY, Ana Carolina	25	Brasil
7	SCOTT, Joan	23	Estados Unidos
8	LÉVINAS, Emmanuel	23	França
9	MIGUEL, Luis Felipe	18	Brasil
10	FREIRE FILHO, João	17	Brasil
11	GIDDENS, Anthony	16	Inglaterra

12	BARTHES, Roland	16	França
13	BAUDRILLARD, Jean	16	França
14	ROCHA, Everardo	14	Brasil
15	PERROT, Michelle	14	França
16	DE LAURETIS, Teresa	14	Itália
17	MULVEY, Laura	13	Inglaterra
18	LIPOVETSKY, Gilles	13	França
19	FICHER, Rosa Maria Bueno	13	Brasil
20	RONSI, Veneza Mayora	12	Brasil
21	MAFFESOLI, Michel	12	França
22	McROBBIE, Angela	12	Inglaterra
23	MODLESKI, Tania	11	Estados Unidos
24	HABERMAS, Jürgen	11	Alemanha
25	COSTA, Jurandir Freire	11	Brasil
26	MORLEY, David	10	Inglaterra
27	PRECIADO, Paul Beatriz	10	Espanha
28	HAMBURGER, Esther	10	Brasil
29	CANCLINI, Néstor Garcia	10	Argentina
30	ANG, Ien May	10	Inglaterra
31	ALMEIDA, Heloisa Buarque de	10	Brasil
Total		558	

Fonte: Adaptado pela autora (2022), a partir de Tavares; Massuchin e Souza (2021, p. 45).

A partir dos dados disponibilizados foi possível trazer outras análises, que estão mais próximas da proposta desta pesquisa. Assim, são 31 autoras(es), sendo 19 do gênero masculino (58%) e 12 do gênero feminino (42%). São 558 citações, distribuídas entre Michel Foucault (60) o mais citado, seguido – com uma boa margem de diferença – por Pierre Bourdieu (46). Três mulheres (Judith Butler, Ana Carolina Escosteguy, e Joan Scott) estão entre os dez artífices mais citados.

Aprofundando um pouco mais a pesquisa, miramos a presença de autoras/es latino-americanas/os. E, novamente, esses representam 12% do total de citações e são apenas três países representados: Argentina, Brasil e Colômbia, com volume de escolha bastante significativo para o Brasil. Talvez, uma explicação pode estar contida no fato das publicações serem brasileiras, porém, por si só, essa não pode ser a única justificativa para as diferenças apresentadas. O Quadro 2 mostra um panorama mais sintético dos dados da pesquisa nesse quesito.

Quadro 2 – Síntese das citações das(os) autoras(es) mais referenciadas(os) – (com 10 ou mais citações)

	Países	Totais	H	M
América Latina	Totais	167	97	70
	Argentina	10	10	-
	Brasil	130	60	70
	Colômbia	27	27	-
EUA	Totais	65	-	65
Europa	Totais	326	263	63
	Alemanha	11	11	-
	Espanha	10	10	-
	França	200	186	14
	Inglaterra	91	56	35
	Itália	14	-	-
	Total geral	558	360	198

Fonte: Adaptado pela autora (2022), a partir de Tavares; Massuchin e Souza (2021, p. 45).

Antes de uma leitura mais vigilante do Quadro 2, é importante assinalar que a divisão binária (homens e mulheres) utilizada na síntese objetivou definir algumas categorias analíticas dos estudos latino-americanos. Não foram analisados outros recortes, como sexualidade, classe social, etnia, uma vez que o foco recaiu sobre a observação da presença feminina nos estudos em comunicação a partir do material base de Tavares, Massuchin e Souza (2021).

Assim, o Quadro 2 permite observar que a Europa lidera com 326 fontes, representando 58% do total, com 72% do total do gênero masculino referenciado, sendo, em sua ampla maioria, composta por homens brancos. Outro dado que chama atenção é que a França e a Inglaterra perfazem 291 citações, representando 89% dos países europeus citados e 52% do total de citações. Somente no Brasil, o número de citações do gênero feminino ultrapassa o masculino, o que pode ser justificado pelo fato da amostra das publicações selecionadas na pesquisa original serem do Brasil. A categoria raça está representada em somente duas citações (Butler e Hall).

É possível afiançar que há uma pulverização de autoras e autores. As pesquisadoras afirmam que “1.512 autores foram citados uma única vez nos trabalhos, o que representa 43,6% do total de citações” (Tavares, et al., 2021, p. 44) e argumentam

que isso pode ser percebido de duas formas: 1. Ampliação crescente da área; 2. Certa dificuldade de amparo teórico. Nas duas situações, aliando com o resultado de que entre os 2.007 autoras e autores “somente 31 tiveram 10 ou mais citações”, fica evidenciado que ainda não realizamos um diálogo mais efetivo da relação gênero, comunicação e suas interseccionalidades.

Outro argumento interessante das autoras é o fato de que “parte significativa das obras referenciadas se refere àquelas traduzidas para o português”. Também que autores euro-americanos “compõem majoritariamente os referentes teórico-metodológicos que sustentam as investigações brasileiras” (Tavares, et al., 2021, p. 51) e, nesse sentido, reforçam que “dentro dessa lógica, raça e classe não são tomadas como critérios analíticos em muitas pesquisas brasileiras, ainda que estes eixos certamente atravessem essa realidade” (Tavares, et al., 2021, p. 52).

Se, no espaço de pesquisa analisado, há “pais” fundadores (pioneiros) do pensamento em comunicação na América Latina, que respondem por parte significativa da produção considerada no período e, na perspectiva do espaço de experiência, estão referenciados nos livros de teorias e nas bibliografias básicas dos cursos de comunicação, o mesmo não acontece com relação à produção feminina. Praticamente, não há referências que tratem das “mães” fundadoras (pioneiras), evidenciando a invisibilidade e a exclusão dessa produção.

Os efeitos dessas não referências abriram uma “brecha” que resultou no pouco conhecimento das contribuições das mulheres para os estudos da área, desenhando, talvez, um mapa equivocados desses estudos. Bastando assinalar que a “espiral do silêncio”¹² é a única teoria “que tem assinatura feminina no universo cognitivo monopolizado pelo gênero masculino” (Melo, 2012, informação oral) e a consulta aos manuais de teorias da comunicação antigos, vigentes e utilizados em diversos países, inclusive no Brasil, podem comprovar essa afirmação.

Trazendo para a região latino-americana, foco central da investigação que empreendemos, há trabalhos historicamente significativos e igualmente desaparecidos. Podem ser citadas as contribuições de Fátima Fernandez (México), fundadora da Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación (AMIC), sendo uma de suas publicações o livro *Los medios de difusión masiva en México*, de 1982. Matilde Perez Palacios (Peru) que exerceu a presidência da Federação Católica Latino-Americana de Escolas de Jornalismo (Periodistas Católicos, 1968), tendo publicado diversas pesquisas relacionadas aos estudos de comunicação religiosa. Marta Colomina de Rivera (Venezuela) estudou a função das telenovelas na sociedade latino-americana (1968), em pesquisa cujos resultados estão em seu livro *Huésped alienante*. Patrícia Anzola (Colômbia) “desencadeou uma ofensiva para resgatar a memória da pesquisa em comunicação num bloco formado pela Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru”. (Melo, 2012, informação oral). Estão, ainda, nesse rol, pesquisadoras como Margarida Kunsch (Brasil), que tem se dedicado aos estudos

¹² Teoria da ciência política e comunicação de massa proposta, em 1977, pela alemã Elisabeth Noelle-Neuman.

sobre comunicação na América Latina, além de editar a *Revista latino-americana de ciências da comunicação*, entre muitas outras.

Finalmente, é necessário afirmar que esses resultados apontam parte do estudo maior realizado, reforçando o imperativo de que mais pesquisas devem ser realizadas objetivando resgatar as contribuições das mulheres para os estudos da área.

Considerações: desafios a serem superados

Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, tão pouco seria possível trazer toda a contribuição feminina para os estudos pioneiros comunicativos na América Latina. Os resultados, porém, afiançam que é necessário incluir essas e outras produções das mulheres no mapa cognitivo da comunicação, nas referências básicas dos cursos de graduação e de pós-graduação da área e em nossas leituras para que sejam conhecidas, visitadas, academicamente criticadas e testadas em suas aplicabilidades na região. (Gobbi, 2022).

Do mesmo modo, é necessário ampliar e aprofundar os estudos comunicativos na perspectiva de gênero, incluindo raça, etnia, classe social, entre outros desafios sociais, resultantes do conhecimento produzido nos múltiplos espaços de ação, de interação e de produção da região, reforçados pela diversidade presente nas sociedades latino-americanas. Esses resgates oportunizarão não somente reduzir o *gap* das contribuições femininas para a área, mas ajudarão a encurtar o desconhecimento sobre as contribuições das mulheres negras, indígenas, militantes, ativistas, políticas, poetisas, escritoras, o conhecimento ancestral, os resultantes dos movimentos sociais de lutas, gerados a partir dos espaços sociais periféricos, as violências e seus múltiplos cenários, entre tantos outros. Conhecimentos muitas vezes descartados por não atenderem contornos definidos por uma coletividade classista e excludente.

É fundamental ampliar o olhar dos estudos em comunicação para as contribuições que bell hooks (2019) definiu em *Teoria feminista: da margem para o centro*, incorporando em nossas aulas conteúdos e referências que permitam resgatar o humanístico e o humanitário a partir do periférico e da margem, onde estão presentes os endividamentos sociais fundamentais do conhecimento, importantes para todas as profissões e para a democracia. (GOBBI, 2022).

Podemos afirmar que as teorias comunicacionais na América Latina se apresentaram como um conjunto de saberes ainda em processo de estudos e de legitimação. Porém, a partir do encontro de Costa Rica (1973), realizado pelo Ciespal, criou-se uma consciência latino-americana sobre os problemas teóricos e metodológicos da comunicação na região. Mas ainda não teve força suficiente para construir novos modelos, de fato, engajados com as necessidades latino-americanas (MELO, 1998, p. 95). Caminhando entre a Escola Crítica europeia (estruturalismo, semiologia e marxismo), durante os anos de 1970 e 1980; pesquisas em torno das análises políticas, estudos de recepção e de efeito, nos anos 1990, marco final do espaço-temporal proposto da investigação original, muitos desafios estão sendo superados, em especial, a partir dos anos 2000. E, como bem afiança Thomas Tufle (1996, p. 45):

A modernidade na América Latina é um fato, mas não na acepção com que a definem os norte-americanos e europeus. É um tipo de sociedade e uma espécie de expressão cultural caracterizada pela "mestiçagem" e, portanto, por muito conflito, processo de desenvolvimento descontínuo e complexo.

É igualmente possível afirmar ainda que, na trajetória comunicativa anteriormente assinalada, poucas são as autoras europeias, norte-americanas e muito menos latino-americanas que integram a lista do pioneirismo dos estudos. Assim, nessa utopia "real" se inseriu esta pesquisa, que busca (re)conhecer, no marco dos estudos pioneiros, as contribuições das mulheres. Observar e sistematizar quais pesquisadoras, subsídios, reforços e como se deu o desenvolvimento da comunicação a partir de então, constituiu-se em fator fundamental para que pudéssemos compreender os processos comunicacionais na América Latina e (re)desenhar o mapa do pioneirismo latino-americano na área. Por isso, o resgate da memória adquire papel importante, em especial, para a consolidação eficaz de uma comunidade acadêmica.

Dessa forma, a pesquisa não se esgota. É necessário um projeto de continuidade, que foi submetido à Fapesp e aprovado, objetivando não somente desenhar o perfil comunicacional feminino nos estudos latino-americanos, mas ampliar as sistematizações e, em especial, possibilitar a consulta e o acesso ao material produzido pelas pesquisadoras. Ao mesmo tempo, é importante expandir o escopo da pesquisa oportunizando o conhecimento sobre a continuidade da produção dessas mulheres.

Como resultado, pode ser apontado que encontramos em nossas incursões muitos "achados" que contribuem com os estudos femininos da área da comunicação. E, respondendo à questão central que norteou a pesquisa: sim! É possível reconfigurar o quadro de referências dos estudos na área. Para isso, é necessário não somente visibilizar as produções femininas, mas tomá-las como referências acadêmico-profissionais, provocando rupturas na hegemonia acadêmico-intelectual. O significativo número de resultados obtidos se constitui em um estímulo para a proposição de continuidade do projeto. (Gobbi, 2022).

Referências

ALVES, Lidiane da Conceição. Reivindicando o território epistêmico: mulheres negras, indígenas e quilombolas interpelando a antropologia. **Revista Humanidades e Inovação**, [S. l.], v. 6, n. 16, p. 82-94, 2019.

CORDEIRO, Cecília Siqueira. Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: LUGARES DOS HISTORIADORES VELHOS E NOVOS DESAFIOS. 2015, Florianópolis, SC. **Anais**. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoSNH2015Historiografia.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

FERNANDEZ, Fatima C. **Los medios de difusión masiva en México**. Mexico: Juan Pablos Editor, 1982, 330 p.

GOBBI, Maria Cristina. **Escola latino-americana de comunicação**: o legado dos pioneiros. 2002. Tese (doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

GOBBI, Maria Cristina. Panorama da produção de conhecimento em comunicação no Brasil. In: MELO, José Marques de; CASTRO, Daniel; CASTRO, Cosette. (orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**, v. 3, Brasília: Ipea, 2010. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=16137. Acesso em: 12 out. 2023.

GOBBI, Maria Cristina. **Do silenciamento à palavra**: mulheres nos estudos em comunicação na América Latina. Portugal: Ria Editorial, 2022.

hooks, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

MALDONADO, A. G. Efendy. Procesos comunicacionales, recepción, educación y transmetodología. In: MALDONADO, A. G. Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (org.). **Metodologías de investigación en comunicación**: perspectivas transformadoras en la práctica investigativa. Quito-Ecuador: Ciespal, 2013.

MARQUES, Fabrício. A desigualdade escondida no equilíbrio: mulheres conquistam espaço na carreira científica no Brasil, mas obstáculos no acesso a algumas áreas são desafio. **Pesquisa Fapesp**. São Paulo, ano 21, n. 289, mar. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-desigualdade-escondida-no-equilibrio/>. Acesso em: 12 out. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MELO, José Marques de. Aula Magna do ano letivo 2012, proferida em Bauru (SP), a convite da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC – da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), por iniciativa dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Comunicação e TV Digital, 2012.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan./jun.2003. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100013>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>. Acesso em: 12 out. 2023.

PIECADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2019.

QUEIROZ, Christina. O gênero das ciências: diálogo com teorias feministas abre novas frentes de investigação em distintas áreas do conhecimento. **Pesquisa Fapesp**. São Paulo, ano 21, n. 289, mar. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-genero-da-ciencia/>; Acesso em: 12 out. 2023.

RIVERA, Marta Colomina de. **El huésped alienante**: un estudio sobre audiencia y efectos de las radio-telenovelas en Venezuela. 2. ed. Maracaibo: Univ. Zulia, [1968] 1974.

ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SCOTT, Joan. [1989] Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 12 out. 2023.

TAVARES, Camilla Quesada; MASSUCHIN, Michele Goulart; SOUZA, Leila Lima de. A quem recorremos quando falamos sobre gênero na Comunicação? Aspectos de colonialidade e decolonialidade a partir da bibliografia utilizada na pesquisa da área. **Comunicação, mídia, consumo**. São Paulo, v. 18, n. 51, p. 36-59, jan./abr. 2021. DOI <https://doi.org/10.18568/cmc.v2i4.36>. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/36/pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

TUFTE, Thomas. Estudos de Mídia na América Latina. **Comunicação & Sociedade**. São Paulo, n. 25, p. 21-47, 1996. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8017/6735>. Acesso em: 12 out. 2023.

VERGÈS, Françoise. **Le ventre des femmes**: capitalisme, racialisation, féminisme. Paris: Albin Michèl, 2017.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.